

Um naufrágio na Europa diante do naufrágio da Europa

O desastre do Costa Concordia pode servir de metáfora a uma Europa que nesse mesmo dia se afundou ainda mais

Sexta-feira 13, dia a que as superstições atribuem maus augúrios, foi neste primeiro mês de 2012 cenário de dois desastres. O primeiro foi o naufrágio do navio de cruzeiro *Costa Concordia*, que fez pelo menos três mortos e cerca de 40 feridos junto à ilha italiana de Giglio, ao largo da Toscana. Embateu numa pedra, de noite, e foi adornando até ser dia, enquanto eram socorridos e resgatados os passageiros aflitos. O segundo desastre, noticiado mais cedo, foi a razia feita pela Standard & Poor's (S&P) aos *ratings* da zona euro, afundando Portugal ainda mais no nível "lixo" e tirando o triplo A à França e à Áustria, numa revisão em baixa que envolveu nove países. A Alemanha seguiu intocável, com o seu glorioso AAA (nota que na Europa apenas partilha com a Holanda, a Finlândia e o Luxemburgo), enquanto a sua mais directa aliada, a França, se viu despromovida para AA+. O que quer dizer que a partir de agora, e apesar dos habituais sorrisos, Sarkozy parecerá ainda mais baixo ao lado de Merkel, nas fotografias. O

que se configura no horizonte? A médio prazo (três meses) umas presidenciais francesas onde Sarkozy surgirá mais fragilizado. A curto prazo, uma pressão da Alemanha, agora mais isolada na frente, para que se avance rapidamente rumo a um "pacto orçamental" que restaure a confiança dos investidores. A mesma confiança que a S&P levou mais de um mês (desde a inconsequente cimeira europeia de 9 de Dezembro) a perceber que afinal estava moribunda, cortando a direita no que achou que devia cortar. O que tornará a moribunda em séria candidata a cadáver.

Ora o naufrágio do *Costa Concordia*, na costa italiana, pode bem servir de metáfora a esta Europa que a cada dia se torna ainda mais náufraga no oceano de problemas que criou e não resolve. Não é difícil perceber porquê. No embarque, aos entusiasmados passageiros foi prometida uma "experiência inesquecível"; ao primeiro embate, embora tenham caído copos e pratos no chão da sala de jantar, os

responsáveis do navio disseram que não era nada de grave. Talvez um problema eléctrico ou coisa assim (o alarme só seria dado uma hora depois). Quando se começou a perceber que o navio talvez tivesse batido seriamente em qualquer coisa, os passageiros puseram-se a correr de um lado para o outro, em pânico, ninguém dizia nada de concreto e toda a gente gritava. A operação de resgate foi, segundo testemunhos, totalmente desorganizada, de tal modo que houve passageiros que se atiraram às águas para alcançarem a costa a nado. Com um total de 4200 pessoas a bordo, o navio só teria um bote de salvação para cada 150 passageiros. Com este cenário, o "templo do divertimento" transformou-se em assustador *Titanic*. E o comandante, após interrogatório, foi preso.

Na União Europeia já aconteceu quase tudo isto. O embate, o alarme tardio, o pânico, a desorganização mascarada de oportunidade, a salvação para poucos num bote onde cabem cada vez menos. Só não prenderam o comandante. Por uma razão: não sabem, ao certo, quem é.